



## ARRANJOS ASSOCIATIVOS E AUTONOMIAS DESVIANTES: UM ESFORÇO À COMPREENSÃO DAS FORMAS DE TRABALHO NA RECICLAGEM DE RESÍDUOS URBANOS

Ari Rocha da Silva

### Resumo

O trabalho tem por objetivo compreender determinadas lógicas sociais de atores que dividem o espaço da reciclagem do lixo na cidade de Passo Fundo / RS, especificamente catadores de materiais recicláveis. A proposta fundamenta-se na reflexão de casos concretos que exemplificam dinâmicas relacionais de sujeitos em sociedades complexas, visto compreendermos que interações entre sujeitos da atualidade se configuram pela maleabilidade de encontros e processos, fomentados por disposições nos espaços-tempos em que vivem e negociam suas práticas e interesses. O aporte teórico relativo a esta reflexão tem *interface* com a *Sociologia das Experiências* de François Dubet e dos conceitos analíticos de *disposição social* e *táticas*, de Bernard Lahire e Michel de Certeau, respectivamente. Condensamos, assim, um teor analítico próprio de uma praxiologia dos atores sociais em suas lógicas de integração, estratégias/táticas e subjetivação, pois determinados eventos e processos sociais podem ser também compreendidos através das atitudes e representações substanciadas nas relações que desenvolvem e em seus projetos comuns e distintos. Percebemos, ainda, a fundamental contribuição destes autores supracitados para que possamos adaptar teorias e desenvolver análises sobre as possibilidades e obstáculos em que se produzem empreendimentos econômicos cooperativos. Nosso levantamento empírico foi constituído mediante a aplicação de 120 questionários, que tinham por objetivo mapear de forma exploratória determinadas características socioeconômicas dos catadores; sendo que, na sequência, realizamos 22 entrevistas narrativas com alguns desses sujeitos, sendo que alguns se encontram organizados em cooperativas de trabalho e outros exercem a atividade de forma autônoma, catando diretamente nas ruas da cidade de forma individual.

**Palavras-chave:** Trabalho. Atores sociais. Pluralismo. Associativismo. Catadores de Materiais Recicláveis.

### 1 Introdução

Este trabalho tem por objetivo refletir e compreender determinadas lógicas sociais de catadores de materiais recicláveis que dividem o espaço de trabalho da reciclagem de resíduos urbanos numa cidade do norte do estado do Rio Grande do Sul, Passo Fundo. Tal recorte empírico fundamenta-se na proposta de observarmos casos concretos que nos façam compreender as dinâmicas relacionais próprias de sujeitos em sociedades de intensas transformações. Busca-se apreender, desta forma, aspectos atitudinais que enlaçam práticas de trabalhadores e os fazem dinamizar uma cadeia produtiva em sua base relacional. O aporte teórico desta reflexão faz a interface com a *Sociologia das Experiências* de François Dubet (1994) e os conceitos



analíticos de *disposição social* e envolvimento *tático*, de Bernard Lahire (2001) e Michel de Certeau (1998), respectivamente. Tais aportes oferecem-nos um teor analítico integrado, segundo nosso ponto de vista, para que possamos perceber uma praxiologia dos sujeitos que se relacionam e desenvolvem atividades laborais num determinado território, ensejando lógicas que se correspondem aos atributos da integração ao espaço social, a estratégias/táticas referendadas analiticamente por esses sujeitos, bem como o encaminhamento de suas subjetivações embasadas em seus predicados culturais e ajustes de disposições sociais.

Por conseguinte, compreendemos que determinados eventos e processos sociais mais amplos possam também ser compreendidos pelas lógicas das ações dos sujeitos que se relacionam em uma sociedade, na medida em que atores podem desenvolver projetos comuns e distintos em suas interrelações e possibilidades contextuais. Analisar atores em suas racionalidades típicas e integrados ao seu contexto social, ajuda-nos, enfim, a entender suas desenvolturas e diferenças atitudinais num cosmos amplo de percepções, sendo que a complexidade se estabelece mediante os entrecruzamentos desenvolvidos na base social. Assim, damos-nos a chance de reconhecer a pluralidades dos elementos vivos que se cruzam e formam um complexo social multivariado de componentes e imbricados em relações que consubstanciam uma totalidade social complexa.

Nosso levantamento empírico foi constituído por uma abordagem mista de levantamentos de dados, justificada pela complementariedade dos dados e aprofundamento da análise dos fenômenos sociais (BOLÍBAR; MARTÍ; LOZARES, 2013). Num primeiro momento, aplicamos um questionário socioeconômico junto a 120 catadores em diferentes locais da cidade de Passo Fundo. O objetivo de tal instrumento era mapear de forma exploratória determinadas características dos catadores de materiais recicláveis da cidade em destaque, sendo que, na sequência, realizamos 22 entrevistas narrativas com alguns desses mesmos sujeitos com a intensão de aprofundar nossa compreensão em relação aos componentes desta amostra e da vivência relacional dos atores envolvidos. As escolhas dos entrevistados se deu de forma ponderada, por sua diversidade socioeconômica e características intrínsecas referendadas pelo levantamento socioeconômico (sexo, idade, forma de trabalho, local de moradia, origem social, condição econômica, etc.). Alguns de nossos



entrevistados participam, almejam ou descartam atuarem em associações ou cooperativas formais de trabalho, as quais podemos caracterizar como projetos econômico-solidários na cidade de Passo Fundo (com ou sem mediação da Prefeitura Municipal ou entidades privadas da região), o que ajuda a entender suas posturas e escolhas aderidas mediante suas trajetórias de vida, bloqueios e possibilidades absorvidas.

Nosso enfoque empírico traz a possibilidade, assim, de percebermos a dinamicidade dos atores que no momento da abordagem da pesquisa exerciam de diferentes formas a atividade de ser catador. As experiências analisadas, dessa forma, podem ser esclarecedoras dos envolvimento econômico e as formas de trabalhos empregados pelos sujeitos, o que nos permite melhor compreender a complexidade dos movimentos dessa categoria de trabalhadores que se organizam com vistas a atingir objetivos comuns e diferenciados, que em um momento podem dividir com outros o trabalho na catação e em outros momentos podem se ausentar da dinâmica desse trabalho.

Por conta de nossa pesquisa, porém, não temos a intenção de dar respostas definitivas a perguntas do tipo: como realizar eficazmente as tarefas de gestão em organizações econômicas solidárias de reciclagem? Como construir e estabelecer modos de cooperação que dinamizem práticas democráticas e participativas? Como reconhecer e gerir as diferenças e desigualdades internas dos integrantes dessas iniciativas? Como gerir as tensões entre sustentabilidade e identidade que enfrentam essas organizações no marco de sua atuação no mercado? Ao contrário, nossa proposta aqui é ampliar nosso foco de análise e entender o elemento catador de forma mais complexa. Será por seus ajustamentos e dimensões práticas que iremos estabelecer uma conexão com este público. E, desta forma, sem estarmos amparados em normatividades e apreensões prévias, buscamos em nossa análise os ajustamentos sociais e experiências progressas e atuais de indivíduos que realizam a catação em uma cidade. Pois só assim poderemos, de alguma forma, perguntarmos sobre como se conforma as possibilidades de ações conjuntas num contexto regional e local determinado.

Partimos então do ator concreto e de suas disposições, no exercício que buscam para gerir organizações com princípios mais cooperativos ou na conformação



do trabalho individual. Nosso foco é antes *o sujeito e suas lógicas de ação*, pois são esses elementos fundantes de dinâmicas sociais, onde as transformações e reversões de processos e demandas se redefinem a cada momento. Para isso, focamos no indivíduo, embora nossa análise seja matizada pelo conjunto daqueles que entrevistamos, pois só assim poderemos entender as relações sociais e o que elas promovem no âmbito da sociedade como um todo.

Na primeira parte do texto buscamos contextualizar o espaço social e determinadas problemáticas do trabalho na região em que está sediada a cidade de Passo Fundo, basicamente a respeito da dinâmica populacional e em relação as condições econômicas que caracteriza a história dessa localidade. Numa segunda parte, detemo-nos por caracterizar alguns empreendimentos segundo suas infraestruturas empregadas e a coesão dos trabalhadores envolvidos em suas gestões, tal proposta nos serviu de base para entender algumas diferenças dos empreendimentos, todavia, estas características, conforme podemos constatar, não se explicam ou se esgotam em si. A terceira parte do texto, por sua vez, busca refletir sobre a composição de nosso levantamento empírico focado nas trajetórias dos atores, onde podemos observar lógicas e mecanismos utilizados pelos catadores para dinamizarem suas vidas, permitindo que usem suas capacidades integrativas, racionais e subjetivas para configurarem suas relações e meios recursais para a manutenção de suas existências.

## **2 Contextos e formação do quadro problema**

O município que escolhemos para compreender as ações de sujeitos que trabalham com a atividade de catação de materiais recicláveis não se deu de forma aleatória e casual. A cidade de Passo Fundo ensejou-nos problemas sociológicos que dizem respeito ao contraste entre dinâmicas culturais muito salientes que se aportam no espaço urbano dessa localidade. O município caracteriza-se nas últimas décadas por sua dinamicidade e afluência de contingentes populacionais que o torna um espaço de diversidade social e cultural. Embora o município ainda tenha uma forte relação com a economia agrária, pois é o núcleo da economia e dos negócios da Região da Produção agrícola do norte do estado do RS, condensa em seu casco urbano elementos variados de negócios e serviços, predominantemente na área de



educação, serviços de saúde e comércio<sup>1</sup>. A medida em que a dinâmica do trabalho rural foi sendo alterada pelo processo de modernização e mecanização das lavouras nas últimas décadas, a chegada de significativo contingente rural foi intensificada e estabeleceu-se novos parâmetros relacionais na cidade, o que fez determinados contingentes populacionais irem se ajustando em suas práticas e configurações em formas de convivências múltiplas.

Podemos hoje caracterizar a localidade de Passo Fundo como uma cidade média (cerca de 200 mil habitantes), polo econômico de uma região, onde se observa uma ampla diversidade cultural afluída por pessoas de diferentes matizes e origens sociais, aportadas em suas mais diversas disposições sociais e capacidades técnicas e intelectuais. O que lhe permite ser um centro de convergência não só de trabalhadores, mas de usuário de serviços que a cidade proporciona, visto que as áreas da educação e saúde, por seu turno, prestam serviços a públicos distintos, inclusive de outras regiões e estados da federação.

Como não poderia ser muito diferente, ao pensarmos como se deu historicamente o processo de êxodo rural no Brasil nas últimas décadas, um grande contingente de pessoas acessou o meio urbano de Passo Fundo tendo em vista a possibilidade de novas oportunidades de vida, incluindo trabalho e assistência a serviços de pequena, média e grande complexidades à medida que determinados espaços rurais carece de uma ampla possibilidade de serviços encontrados apenas em centros urbanos de maior monta. Isso fez prover à localidade um contingente de trabalhadores com baixa qualificação técnica em relação aos novos parâmetros e exigências do mundo do trabalho moderno e de seus ajustes produtivos flexíveis, na medida em que esses ajustes são amparados por novos conhecimentos e necessidades de deslocamentos funcionais. Uma parte desse segmento, por sua vez, encontra-se nas franjas do trabalho formal, exercendo pequenas atividades demandadas por trabalhos operacionais, repetitivos, sazonais e de baixa qualificação técnica muitas vezes, ou exercendo trabalhos informais com as mesmas características e de forma ainda mais precária que o anterior, haja vista não

---

<sup>1</sup> Segundo dados do Censo Demográfico de 2010 (IBGE) a população de Passo Fundo chegou a marca de 184.826 habitantes, os quais possui 4.707 residentes na zona rural e 180.120 na zona urbana, com uma densidade demográfica de 235,92 hab./Km<sup>2</sup>.



compartilharem das mínimas garantias operacionais e de direitos trabalhistas garantidos até então na formula do emprego formal.

Assim, mediante uma população que se concentra em um mesmo espaço urbano, vindo a integrar diferentes formas e condições nesse meio de “oportunidades”, percebe-se uma particular maleabilidade dos indivíduos em se ajustarem e produzirem mediações, pois os ajustamentos se tornam imprescindíveis e sempre muito necessários em uma sociedade que se transforma rápida e continuamente, exigindo dos elementos uma capacidade de reflexividade também constante na absorção das mudanças, oportunidades e possibilidades que percebem para integrarem e permanecerem no local em que vivem. Analogamente, podemos perceber com isso uma reflexividade precária e funcional ao sistema, que se dá de diferentes formas e reações.

Talvez um dos fenômenos mais complexos e intrigantes que se pode sublinhar em ambientes renovados e que se aliam a uma economia segundo padrões modernos de produção e consumo, é o trabalho da catação de materiais recicláveis. Este fenômeno é atualíssimo, identificado como sendo uma das práticas de trabalho que tem crescido de forma significativa em sociedades dinâmicas do ponto de vista do aumento populacional e do entrosamento (ou truncamento) da diversidade cultural. A reciclagem torna-se uma forma de geração de renda a um contingente populacional bastante amplo, e na base da cadeia estão os pobres urbanos (BHOWMIK, 2002; VELLOSO, 2005). Incrementa-se esta atividade operacional a medida que ela se torna uma saída para quem não consegue se inserir em outras atividades laborais, ou se encontra inserido de forma precária e dependente do mercado de trabalho formal. Ora integrando o trabalho registrado, com carteira de trabalho assinada pelo empregador, ora sendo descartado por lógicas empresariais de negócios e mobilidades funcionais, inserindo-se no trabalho “frio”, sem carteira.

Em Passo Fundo observa-se um grande número de pessoas trabalhando na catação de materiais recicláveis e os vendendo a pequenos e grandes atravessadores da indústria da reciclagem. Muitos catadores, inclusive, nunca tiveram um emprego formal registrado. Geralmente trabalham de forma autônoma pelas ruas e avenidas da cidade juntando materiais que serve para venderem a terceiros ou para seu uso pessoal (FOTOGRAFIA 1). Na sua maioria, catam conduzindo carrinhos por sua



própria força motora, ou exercem atividades com caminhonetes, carroças com tração animal ou sacos onde depositam os materiais que encontram em lixeiras e contêineres. É bastante variável a dinâmica de cada catador de rua, seja nos horários disponíveis ou nas formas e métodos de trabalho. Isso está diretamente ligado aos recursos que dispõem, bem como a um cabedal de disposições sociais e lastros culturais que se cruzam e definem o cotidiano de cada um.<sup>2</sup> Evidente que este trabalho de rua pode ser caracterizado como precário, pelas condições e inseguranças funcionais a ele elencadas, como a falta de certa previsão de ganhos ou perigos inerentes ao trabalho nas ruas da cidade, porém, os catadores relativizam suas práticas na medida em que outras questões podem estar em jogo e matizar as escolhas ou obrigações dos indivíduos - aspectos esses tratados um pouco melhor na terceira parte deste trabalho.

---

<sup>2</sup> Segundo Lahire (2013), as nossas disposições sociais são construídas ao longo de nossas trajetórias, a medida em que não somos socializados de forma inteiramente análoga em relação aos outros sujeitos que nos relacionamos, mesmo pertencendo a um mesmo ambiente em que habitam outras pessoas ou participando de grupos de indivíduos que possuem determinados objetivos comuns. Somos sempre e, fundamentalmente, seres singulares em nossas construções e predicados disposicionais, somos produtores e produzidos a partir de nossas próprias trajetórias e experiências de vida, dos cruzamentos que operamos com outras pessoas e dos aprendizados que amealhamos ao longo de nossa existência. Isso, porém, não significa que vivemos no limbo social ou sejamos invioláveis, pelo contrário, somos receptáculos de experiências, fenômenos, processos, contextos em que vivemos e que irão se compondo a memória e o nosso jeito de ser ou estar.



FOTOGRAFIA 1 – Catador retirando matérias recicláveis de contêineres distribuídos pelo centro da cidade



Fonte: acervo do autor – 10 de abril de 2015

De alguma forma, disposições sociais e escolhas também vão aparecer nas próprias estruturas dos trabalhos associativos formais que circunscrevem operações laborais coletivas de catação pela cidade (FOTOGRAFIA 2). Existe atualmente (5) cinco empreendimentos de trabalhos coletivos formais fundados na localidade. É importante destacar que estes empreendimentos (4 cooperativas e uma associação de catadores) possuem diferentes características institucionais e trajetórias de desenvolvimento em suas linhas de tempo, muito embora possuam muitas semelhanças, haja vista que quatro desses empreendimentos são assessorados por um mesmo projeto social que os apoia, vinculado a um segmento religioso de congregações católicas. Tal assessoria tem como ação precípua estimular a organização e a forma cooperativa de trabalho, servindo igualmente como parte





mediadora para que esses empreendimentos cooperativos se comuniquem com outros públicos e instituições, sejam eles estatais ou privados.<sup>3</sup>

FOTOGRAFIA 2 – Catadores trabalhando numa cooperativa de reciclagem local



Fonte: acervo do autor – 10 de julho de 2015.

### 3 Desenvolturas associativas formais na catação

Trabalhamos na pesquisa junto a coletivos de trabalhadores (associações/cooperativas), como catadores que trabalham de forma isolada ou junto a familiares e afins. Sobre os empreendimentos associativos, se olharmos de forma

---

<sup>3</sup> Projetos Transformação e Minuano são projetos que assessoram e assitem grupos de catadores de materiais recicláveis em Passo Fundo. O projeto Transformação, particularmente, trabalha junto com quatro grupos de catadores na cidade. Está ligado a outras ações diante de grupos em vulnerabilidade social. Foi criado e tem o apoio de congregações da Igreja Católica. O projeto Minuano atua em outras cidades do Brasil e no RS, está vinculado a ONG Planeta Vivo. Tem apoio e financiamento da Petrobras para implementar suas ações e para a infraestrutura dos empreendimentos dos catadores.



comparada, podemos perceber suas diferenças e semelhanças, pois não precisamos de grandes elucubrações analíticas para observar determinadas características operacionais e gerenciais que vão se consubstanciando no cotidiano dessas organizações.

Produzimos uma representação por demais esquemática, mas que nos serve para didaticamente podermos expressar aspectos característicos e orientadores de tais empreendimentos associativos. Relacionado a uma nomenclatura (A, B, C, D e E), que representa cada uma das associações existentes, utilizamos também o subterfúgio de uma escala numérica (0 a 10) para melhor identificar e classificar certas características desses grupos de trabalho, embora essa classificação não ultrapasse uma forma de avaliação ainda incipiente e arbitrária, tendo em vista apenas relacionar a infraestrutura disposta nesses empreendimentos e suas sistemáticas adesões associativas por parte dos indivíduos que a elas se relacionam (QUADRO 1).

Enfim, essa escala não visa estabelecer um julgamento de valor, segundo um grau de melhor ou pior, mas estabelecer certo entendimento dos processos em que estão inseridas as ações empreendedoras mediante determinados itens aqui priorizados.

**Quadro 1** - Escala de classificação das associações quanto aos aportes infraestruturais e organização dos grupos de trabalho

<b>Associações / Cooperativas</b>				
<b>A</b>	<b>B</b>	<b>C</b>	<b>D</b>	<b>E</b>
<b>10</b>	<b>7,5</b>	<b>5,0</b>	<b>2,5</b>	<b>0</b>

Fonte: elaborado pelo autor

Assim, quanto mais perto de 10, a associação se encontra mais consolidada e operando perto ou em vias de atingir sua capacidade produtiva. Classificamos a associação A com o índice 10, pois essa associação se caracteriza por uma estrutura muito mais consolidada que as outras, embora passe também por períodos de incerteza e dificuldades técnicas e operacionais. Com um padrão de organização sistematizado e um número suficiente de associados (27 cooperados) que geram uma renda mensal acima dos padrões de mercado de um público de baixa qualificação profissional - recebiam em 2016 uma média de 1.500 reais por mês - (entenda-se aqui



baixa qualificação diante dos padrões tecnológicos atuais e/ou formação escolar exigida na maioria das áreas de emprego de setores públicos e privados). Ao empreendimento A é disponibilizado um grande contingente de material para ser triado em suas instalações diariamente, pois se caracteriza como uma usina de reciclagem e recebe os caminhões da coleta de detritos domésticos da cidade. Tais detritos são depositados em sua esteira de “produção” para serem triados. Existe uma certa coesão no grupo da cooperativa A, embora exista algumas desistências de trabalhadores ao longo de certo tempo, principalmente pelas condições insalubres de ter que mexer no lixo doméstico que vem misturado nos caminhões da empresa municipal de coleta de resíduos.

No extremo oposto dessa escala, visualiza-se o empreendimento E (escala 0), pois sua situação é bastante *sui generis* em relação as outras estruturas de trabalho. Encontra-se numa situação de grande indefinição ao ponto de efetivamente ter que se dissolver, pois possui um espaço de trabalho precário, sem atividades práticas definidas e sistemáticas. Até pouco tempo existia apenas dois integrantes associados que sugestionavam a viabilidade de colocar a associação em efetivo funcionamento, essa associação entre os dois integrantes passou a ser eventual e espaçada. Possuem muitas dificuldades de atuarem no local definido para ser a sede da associação e mobilizar uma lista de pessoas que possuem e que tinham manifestado interesse em participar da associação. Não recebem materiais doados ou disponibilizados pela Prefeitura para que possam dividir as atividades, o que os faz ainda catarem de forma isolada na rua e reter o que catam para si, de forma individualizada.

Os pontos intermediários da escala, representados pelas associações B, C, D, também apresentam muitas diferenças. Apesar de haver maior congruência nas formas em que foi montada e em suas características, a associação B, com a pontuação mais elevada da parte intermediária (7,5), conforme nossa classificação, matiza suas operações a partir de agendamentos que realiza mediante os contatos de doações que recebe de diferentes públicos da cidade. Recebe em alguns dias da semana um caminhão da Prefeitura para ir até os pontos de coleta das doações previamente agendadas. Tem uma boa infraestrutura, mas seu potencial ainda não é totalmente explorado. Há cerca de nove associados, em geral mulheres que moram na



comunidade de entorno à cooperativa. Possuem uma sistemática de trabalho definida, mas recebem uma renda ainda baixa pelo insuficiente volume que é triado em suas instalações e pelas dificuldades de fundamentarem o processo e agregarem valor ao que realizam.

A associação mediana (classificação 5), onde se encontra o empreendimento C, representa uma organização que também tem um forte lastro comunitário entre alguns de seus associados, muito embora passe dificuldade em sistematizar de forma eficiente suas práticas operacionais. Possui uma liderança forte e decidida que congrega os participantes, porém há uma rotatividade de associados muito considerável, mantendo a consistência associativa apenas dentro do núcleo de “associadas históricas” do empreendimento, composto em sua totalidade por mulheres que fundaram a associação e possuem uma relação de convivência e responsabilidade uma pelas outras muito forte. O fluxo do material, embora constante, é insuficiente para elevar o valor agregado de suas atividades. Perderam muitos pontos de coleta há algum tempo atrás pela quebra do caminhão que possuem, o que gerou muitos gastos para o concerto do veículo e poucos ganhos aos associados, gerando, evidentemente, muitas inseguranças, desconfianças entre as partes e desistências de alguns trabalhadores.

Com as mesmas características das associações anteriores que compõem o trio intermediário, mas de forma mais deficitária, a associação D estabelece suas atividades de forma descontínua (escala 2,5). Foi gerida por diferentes grupos que foram montados para utilizar uma estrutura construída pelo governo municipal com recursos federais. Mas, fundamentalmente, nenhum grupo ainda se consolidou no local, pelo forte histórico de conflitos, desconfianças e dissoluções dos trabalhadores. Também possuem um relativo fluxo de materiais que são doados e buscados por um caminhão também disponibilizado pelo poder executivo municipal, mas ainda se percebe algumas sequelas de conflitos antigos a medida em que componentes do primeiro grupo, aquele que criou a associação em anos anteriores, vem retornando para o espaço do empreendimento, pois a infraestrutura tinha sido abandonada pelo penúltimo grupo montado, na terceira tentativa de reativação do trabalho coletivo.

Em síntese, percebe-se vários padrões de dificuldades para a implementação de um sistema cooperativo na cidade. Padrões infraestruturais distintos são visíveis,



mas não acreditamos que sejam definitivos para elucidar por completo a órbita de questões que dizem respeito à organização dos empreendimentos. Elementos relacionais intra / extra associações certamente repercutem na configuração dos trabalhos associativos e em seus aportes de confiança e estímulo a um trabalho integrado e coeso.

No próximo tópico buscamos pensar o conjunto das trajetórias dos atores sociais, seja aqueles que compõem os empreendimentos ou daqueles que ficam a parte de tais iniciativas. Talvez entendendo o conjunto das relações e questões intrínsecas das dinâmicas do trabalho e cotidiano dos indivíduos, podemos abrir outros flancos da abordagem e que não se limitam à gestão dos empreendimentos em si e de suas capacidades produtivas. Assim, acreditamos, ao problematizar questões concernentes a iniciativas associativas e questões outras concernentes aos modelos de vida dos atores sociais, possamos redimensionar outros entendimentos e complexidades que certamente estão envolvidos e podem nos fazer compreender de forma mais substantiva os modelos de trabalhos implementados concretamente em um determinado espaço social.

#### **4 Lógicas Sociais dos catadores e o deslocamento pela cidade**

Em consonância com a possibilidade teórica de dar ênfase às experiências dos atores sociais, buscamos estruturar nossa análise transcendendo as próprias dimensões dos enquadramentos funcionais e da gestão das associações de trabalho *scritu sensu*. Observamos o quanto se tornam estratégicas e táticas, em diferentes momentos, as lógicas de ação dos sujeitos ao transitarem pela cidade e postularem trabalhos e um local para viver. Ao tratar o fenômeno do trabalho associativo e individual ligado a esta dimensão, compreendemos que as lógicas de atividades laborais estão diretamente entranhadas nas lógicas pela busca da moradia, das dinâmicas familiares e de gênero, das relações entre poderes entre afins e vizinhos, etc., não se circunscrevendo apenas à dimensão gestoras das dificuldades associativas ou a questões eminentemente infraestruturais do trabalho empreendedor, embora, evidentemente, estes são elementos também importantes e relacionados aos anteriores.



Os catadores, por suas vias integrativas, estratégicas/táticas e subjetivas, vão tratando suas relações de vivências, o que os torna elementos, de certo modo, bastante dinâmicos e que podem relativizar suas participações associativas em diferentes momentos de suas próprias trajetórias de vida e trabalho. Rechaçamos a ideia de que o sujeito catador represente um ser homogêneo, de dimensões estanques e atrofiado a uma única disposição para o trabalho da catação exclusivamente. Da mesma forma, o trabalho na catação é avaliado pelos catadores de diferentes formas, seja menosprezando o trabalho e o colocando como uma condição de passagem, também o trabalhador pode lhe dar um alto valor de importância, apoiando-se em um discurso que não é criação sua, como o discurso de preservação da natureza, elegendo-se a si como agente da preservação do meio ambiente e da sanidade urbana.

As associações de trabalho formais, por sua vez, são possibilidades de geração de renda e de manutenção das famílias de quem trabalha e exerce a atividade de catador. Porém, esta possibilidade de trabalho de forma cooperada, para alguns, é apenas mais uma das possibilidades que tais elementos encontram para atuarem em sociedade. A cooperação no trabalho da catação, de certa forma, encontra-se num rol de outras possibilidades que encontram para atuarem e manterem suas condições de existência, sejam elas regulares ou irregulares, contínuas ou descontínuas, pois fica difícil menosprezar as racionalidades de ganhos conjugadas a demais considerações lógicas que dizem respeito às responsabilidades que assumem perante a família, ao status que possuem e a liberdade que buscam adquirir no círculo social e comunitário. Desta forma, sintetizando, a conjugação de fenômenos sempre irá depender de outra conjugação de possibilidades e obstáculos, mais que isso, da própria dimensão de entendimento e de disposições que os sujeitos irão estabelecer frente aos processos e dimensões conjunturais a que estarão envolvidos em momentos específicos.

Ao se pensar uma associação e na forma de gestão de um empreendimento associativo, principalmente envolvendo um público que tem em suas trajetórias processos migratórios, exploração aviltante no trabalho, dependência de outros familiares e/ou de políticas sociais dirigidas à sua condição de vulnerabilidade social, temos que perceber como são inseridos em tal contexto e como assimilam ou reagem



a determinadas formas de organização. Nesse sentido, o olhar para suas trajetórias a partir de uma observação de como se socializam em ambientes coletivos, ou seja, como são construídas suas disposições sociais, seus elos de convergências e divergências ao *status quo*, são de extrema relevância para a análise das tramas e inflexões entre os atores, sem subjugá-los a uma condição de meros receptáculos de políticas sociais aplicadas ou como meros elementos que, por sua baixa cognição intelectual, não assimilam procedimentos regimentais e processuais na ótica da gestão do trabalho e das formas de produção modernas.

A medida que damos andamento às nossas observações, percebemos o quanto as próprias disposições ao trabalho e a forma integrada de gerir as atividades cotidianas podem assumir modulações diferentes entre os atores envolvidos. O ajuste à família, por exemplo, é uma condição muito saliente que perpassa por homens e mulheres nessa categoria de trabalhadores. O cuidado dos filhos, a dimensão de prover a família, a noção de autoridade e honra são máximas e que devem ser sempre tratadas e relativizadas a partir de cada elemento e contexto de sua atuação, envolvendo suas próprias características de gênero, geração, origem social e demais características e atributos. Trabalhar em sociedade (em associação), por exemplo, também significa relativamente se despojar do próprio controle de horários, do cuidado pessoal dos filhos, do grau de liberdade que possui para integrar uma hierarquia de trabalhos, ou seja, de manifestação de desejos próprios e da continuidade de determinadas práticas e trajetórias de relacionamentos culturais que se organizam e dão sentido ao cotidiano de cada um. Isso revela que nem sempre os atores cederão ao que lhes é exigido, pois podem priorizar sua autodeterminação e fatores identitários mais imediatos e intimistas. Ou seja, podem preferir abrir mão de vantagens eminentemente individuais por vantagens conquistadas coletivamente (maior proteção e apoio, além do acesso a projetos que podem trazer melhorias e garantias sociais) ou, pelo contrário, podem preferir trabalhar sozinhos e disporem de outras determinações no trabalho ao definirem outras prioridades e formas de composição do tempo de trabalho e descanso, elegendo estratégias de catação e venda dos materiais por sua conta e risco, por exemplo.

Nesse sentido, podemos considerar que o próprio movimento e as mudanças que os indivíduos percebem em sociedade, o trânsito pela cidade, o acesso a



trabalhos diferentes, os contatos e negociações sempre renovados que executam com diferentes públicos que encontram na rua, são uma forma de lógica estratégica ou tática do trabalhador da catação, dependendo do quanto e de que forma está integrado e sendo propositivo ou reativo a determinadas intromissões na/da sociedade. Ter vários trabalhos, acessar um leque de possibilidades de ganhos, alcançar determinados recursos a partir de apoios e mediações criadas pelos contatos e relacionamentos que estabelece, de certa forma, podem minimizar sua dependência a uma única forma de exploração de seu trabalho, podendo o sujeito jogar o jogo das possibilidades e buscar produzir o melhor movimento em um determinado lance da partida.

As mudanças de emprego, ou os empregos paralelos que estabelecem, sejam homens ou mulheres, contornam as dimensões do trabalho e da vida cotidiana, ou seja, o trabalho não é delimitado especificamente à atividade que executam e às horas que estabelecem para desenvolvê-lo, mas está inserido na totalidade econômica e relacional que desenvolvem e estabelecem em diferentes momentos. Ficou muito claro para nós, a partir das entrevistas que desenvolvemos junto a este público, que o catador não vive apenas do que encontra nas lixeiras ou do que produz nas cooperativas, mas da ajuda-mutua e daquilo que cria ao transitar pela cidade, da confiança e do *status* que constrói na relação com seus iguais e diferentes; demonstrando, ou querendo demonstrar, sua abnegação pelo trabalho e sua honestidade. Seus discursos possuem esta dimensão muito patente, aspecto que lhes faz sentirem-se parte da sociedade e, ao mesmo tempo, reagir aos ataques e humilhações que porventura sofram no interior dessas relações.

Ao estabelecerem contatos para além de suas fronteiras habituais e familiares, podem receber favores, doações, incentivos, trabalhos pontuais e alguma forma de auxílio financeiro, uma “renda extra” que não se definem por si mesma, mas pela aquisição de algo que não obteriam de outra forma. Ligado a isso, o ganho na rua traz a importância da conquista, do desbravamento de outros espaços da sociedade, de espaços que não são os seus e que conquistou de forma mais imediata, mediante sua liberdade, astúcia tática em fazer diferente e de seu poder pessoal, dando-lhes uma maior margem de importância e valor frente a seus pares.





É assim que muitos não escolhem se unir aos coletivos associativos, mas trabalhar sozinhos ou com seus familiares, deslocando-se continuamente e dinamizando suas possibilidades de ganhos econômicos, através do talvez limitado, mas importante capital social que vão construindo ao mostrarem-se perseverantes, honesto e prestativo aos outros, além de serem rigorosos quanto a sua força interior e exterior ao encenarem corriqueiramente suas autênticas virtudes, astúcias e poderes em suas redes de relações.

A possibilidade de autonomia e do caráter reflexivo, dessa forma, são componentes importantes que explicam a luta por reconhecimento do catador e da categoria funcional que os integra e os divide em diferentes e iguais momentos. Essa luta se configura nos diferentes espaços e nas diferentes formas de atuação desse trabalhador a medida em que suas ações se completam, seja no âmbito de sua atuação mais próxima ou na relação social estendida. A importância do valor que cria para se explicar e dos recursos que acessa nas relações que estabelece, expõem suas trajetórias de sociabilidades e aportes econômicos como sendo faces do mesmo processo de vivência social, sem cindi-los abruptamente.

## 5 Considerações finais

A perspectiva de compreender os indivíduos em suas relações sociais, o que lhes torna atores sociais capacitados para intervir no meio social em que participam, é de fundamental importância para se pensar em projetos cooperativos de trabalho e, porque não, em possibilidades de incrementos econômicos e cadeias produtivas. Partimos, então, da proposta de pensar a complexidade do mundo social, das diferenciações e trajetórias de trabalhadores que têm na catação e venda de rejeitos urbanos sua eventual ou permanente fonte de renda. Processos de diferenciação e, por consequência, de individualização, são fenômenos que exigem maior atenção das análises e dos projetos sociais que enfocam esse público alvo caso queiramos entender as complexidades das transformações e do próprio sujeito que se movimenta.

Estruturas e processos que conformam práticas dos atores sociais, são as mesmas que são reabilitadas e recondicionadas pelas relações desenvolvidas pelos mesmos sujeitos que sofrem a sua influência. Se o ambiente social incorpora múltiplas



linhas de comunicação, os ajustes e assimilações se tornam inúmeros e são, ao cabo, resignificados constantemente nas práticas relacionais desenvolvidas por quem atua em sociedade. O pêndulo sociedade e indivíduo está sempre em movimento, certamente. A balança eu/nós não deixa de variar continuamente em nosso tempo presente, assim como mais ou menos acontece em diferentes momentos na história da humanidade (ELIAS, 1994). O movimento em si é algo ainda mais emblemático nas sociedades contemporâneas, caracterizadas por sintomáticas transformações. Em relação aos catadores de materiais recicláveis, como não poderia ser diferente, representantes que são de um segmento social relativamente novo em nossas sociedades, a condição de mudanças e ajustes entre indivíduo e sociedade é algo muito saliente. Vivem ligados as relações fluídas que desenvolvem em sociedade, revigorados pelas possibilidades de galgar recursos e aportes visando a sua manutenção.

O processo da diferenciação é o âmago do processo da individualização. Cabe salientar que Individualização não quer dizer isolamento, mas identificação em um ambiente relacional que promove várias possibilidades de atuação. Os projetos associativos/cooperativos, nesse sentido, são possibilidades de integração de atores em um meio de trabalho recíproco; evidentemente que este meio constitui um importante aporte de participação, todavia, não é o único, como buscamos salientar aqui de forma sintética. Percebemos em nossa pesquisa que os sujeitos engajados em projetos associativos não se resumem a eles, muito menos aos recursos neles captados para manterem a vida e suas relações externas. Esse é um elemento da socialização desse sujeito, pode fazer parte do seu percurso e da órbita espiral que o conduz, mas existem outras possibilidades de organização de trabalho que serão importantes e justificadas por outras lógicas de organização e necessidades que os envolvem.

Cabe então considerar, não só pensando nas características do público destacado por este trabalho, mas de forma geral, que a autonomia dos atores frente a seus desafios é algo a ser relativizada em vista das diversas formas de atuação dos sujeitos. Essa condição é um atributo mais forte em sociedades mais complexas, onde as redes de influências são mais amplas, as quais afloram diferentes humores,



sonhos, representações, autodesígnios e frustrações, etc., os quais os sujeitos traçam e definem para si.

Uma possibilidade de trabalho aberto, fluído no sentido de permitir o exercício de todas as capacidades humanas, seja na organização cooperativa ou fora dela, pode viabilizar o potencial de cada um, promovendo mais interação e profusão de projetos participativos. Talvez seja isso que esteja em jogo em nossa sociedade, pois ambientes abertos e que promovam o protagonismo dos atores em seus direitos de ir e vir, de ser e estar, são um bom indício para se pensar ações concretas em ambientes concretos, porém flexíveis a máxima da liberdade do movimento e do protagonismo de cada um, sem normatizações e decisões vindas do topo da escala do poder social e de políticas sociais arbitrárias que visem pensar e definir o todo social por si mesma.

## Referências

BHOWMIK, S. As cooperativas e a emancipação dos marginalizados: estudos de caso de duas cidades na Índia. In: SANTOS, Boaventura (Org.). **Produzir para viver: os caminhos da produção não capitalista**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2002, pp. 369-400.

BOLÍBAR, M., MARTÍ, J., & LOZARES, C. Aplicaciones de los métodos mixtos al análisis de las redes personales de la población inmigrada. **Empiria. Revista de metodología de ciencias sociales**, 26, 2013, pp. 89-116.

CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano: a arte de fazer**. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 1998.

DUBET, F. **Sociologia da experiência**. Lisboa: Instituto Piaget, 1994.

ELIAS, N. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

LAHIRE, B. **O homem plural: as molas da ação**. Lisboa: Instituto Piaget, 2001.

VELLOSO, M. Os catadores de lixo e o processo de emancipação social. **Ciência & Saúde Coletiva**. Rio de Janeiro, v. 10, 2005, pp. 49-61.